



GÊNERO E SAÚDE NO TRABALHO DOCENTE EM SERVIÇO SOCIAL

Josefa Lusitânia de Jesus Borges¹, Maria Eduarda Santana Santos², Nubia dos Reis Pinto³

¹Doutora em Educação, UFS, São Cristóvão, Sergipe. E-mail: josefa.lusitania@ufba.br; ²Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia. E-mail: mariaess@ufba.br; ³Mestra em Estudos Étnicos, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia. E-mail: nubiarpn@ufba.edu.br

Resumo: O processo de reestruturação produtiva e a implementação do Neoliberalismo enquanto sistema econômico tem acirrado a exploração do trabalho. O mundo da educação não está alheio a essa nova realidade. Tais transformações têm afetado a atuação profissional das docentes no ensino superior. Problemas como o estresse, a depressão e até mesmo o suicídio são recorrências deletérias nessa nova razão que rege o mundo. A pesquisa Gênero, Saúde e Trabalho Docente no Serviço Social busca compreender os determinantes de gênero que afetam a saúde das docentes de cursos de graduação em Serviço Social no contexto pandêmico da SARS-CoV-2. Sob o ponto de vista metodológico, este estudo é de caráter exploratório e integra as abordagens qualitativa e quantitativa. O campo empírico são Universidades Públicas e Privadas do Nordeste brasileiro. Os resultados parciais ora apresentados evidenciam os agravos à saúde das docentes e a necessidade de investimentos em recursos humanos.

Palavras-chave: Gênero, Saúde, Trabalho, Pandemia.

Introdução

As transformações do neoliberalismo no mundo do trabalho, modificaram a atuação profissional das docentes no ensino superior. Para além disso, no curso do Serviço Social, no qual domina predomina o gênero feminino, essas mudanças coletivas incidiram diretamente no modo de vida e na saúde física e mental dessas profissionais.

Nesse sentido, a pesquisa “Gênero e Saúde no Trabalho Docente em Serviço Social” objetiva compreender e interpretar os determinantes de gênero que impactam a saúde de docentes de cursos de graduação em Serviço Social de Universidades do Nordeste no contexto pandêmico da SARS-CoV-2, no processo de trabalho.

Cabe mencionar que estas relações de poder são históricas e permeiam a sociedade em termos estruturais. Ressalta-se que, a inserção das mulheres no mercado de trabalho significou um avanço expressivo, porém surgiram desafios daí decorrentes

tais como a sobrecarga, caracterizada pelo fenômeno da dupla jornada, que repercute nos impactos sobre sua saúde. Com o passar dos anos e o avançar da tecnologia, esse processo tornou-se ainda mais acentuado.

O uso das TIC's contribuiu de forma significativa para a intensificação desse trabalho, de forma que a vida profissional se mistura com a vida social, impossibilitando a diferenciação entre tempo produtivo e tempo para o lazer. No cenário de emergências sanitárias ora vivenciado, as medidas de distanciamento e o isolamento social favoreceram a ascensão do teletrabalho, o qual criou condições necessárias para novas formas de exploração. Nesse sentido, exige-se “uma reorganização do trabalho docente, não só em seus aspectos pedagógicos e administrativos, mas também nas dimensões da vida social, enquanto trabalhador e sujeito que desempenha funções para além de atividades laborais”¹.



Dado esse contexto, torna-se cada vez mais emergente a necessidade de analisar o adoecimento físico e mental das docentes universitárias sob as lentes de gênero, dado que as mulheres ainda são maioria expressiva na categoria e no serviço social, logo, são as mais afetadas nesse processo de superexploração.

Material e Método

Neste estudo optamos pela pesquisa exploratória, descritivo-analítica, com uso das abordagens qualitativa e quantitativa. Esta escolha parte da premissa de que ambas não são antagônicas entre si, mas complementares. Enquanto a perspectiva quantitativa pauta-se na análise de dados estatísticos, o viés qualitativo dedica-se ao estudo de representações e visões de mundo dos sujeitos acerca do fenômeno em questão².

Consideramos ainda o materialismo histórico-dialético adequado para a apreensão das categorias trabalho, saúde e gênero, por desenvolver um movimento que, utilizando-se da totalidade histórica, desnaturaliza os fenômenos sociais. Assim, é possível compreender o gênero como uma categoria que designa o conjunto de fenômenos que expressam um padrão específico de relações existentes entre os seres sociais.

Dado o caráter exploratório da pesquisa buscamos a familiarização com o objeto haja vista a escassez de estudos sobre o tema. Nesse sentido, realizamos buscas em artigos indexados pelas bases de dados SciELO Brasil (Scientific Electronic Library

Online) e nos periódicos da Capes, a partir de descritores referentes à temática.

Tais artigos foram socializados no grupo de pesquisadoras e constituíram o estado da arte da investigação. O campo empírico está sendo desenvolvido junto à Universidades Públicas do Nordeste brasileiro. A população pesquisada é parte do quadro de docentes homens e mulheres dos departamentos acadêmicos de Serviço Social aos quais estão vinculados. Para fins de realização de um teste piloto, elaboramos um questionário online com perguntas abertas e fechadas e enviamos às professoras da UFBA.

Os dados coletados compuseram os resultados parciais ora apresentados. Na segunda fase da pesquisa realizaremos as entrevistas com uma amostra dos participantes da investigação.

Resultados e Discussão

O questionário foi composto por perguntas relativas à jornada e condições de trabalho; ensino, pesquisa e extensão no contexto pandêmico; aspectos relativos à saúde e ao modo de organização do trabalho e impressões gerais sobre a atuação como docente antes e durante o surto pandêmico. Dos 17 questionários enviados, obtivemos 5 respostas. Como esperado, o estudo evidenciou o predomínio de professoras do sexo feminino na função e com faixa etária maior que quarenta anos, revelando um perfil de doutoras e pós doutoras, das quais duas eram mães e três afirmaram não possuir filhos.



No tocante às condições materiais/estruturais de trabalho, quatro delas apontaram que estas não atendem às suas necessidades no campo do fazer profissional. Quanto à salubridade do ambiente, duas apontaram satisfação parcial, enquanto três estavam parcialmente insatisfeitas. Sobre a relação entre o trabalho produtivo e reprodutivo na família (administração da casa, educação dos filhos, orçamento doméstico), todas as entrevistadas afirmaram a diminuição das horas de sono e descanso para garantir a efetivação das atividades.

Além disso, elas mencionaram que gastam mais de dez horas diárias para desenvolverem à ambos e quatro delas apontaram que a carga de trabalho impede a realização de atividades de lazer. Nesse sentido, percebe-se que o setor educacional esteve, por muito tempo, submetido aos padrões da divisão sexual do trabalho, sendo conservados, até os dias atuais.

Questionadas quanto a dificuldade ou diferenças para produção científica em relação ao sexo/gênero da docente, estas apontaram que a carga de trabalho reprodutivo dificulta o avanço na carreira acadêmica. Todas as entrevistadas afirmaram que desenvolvem projetos de ensino, pesquisa e extensão. Em vista disso, duas delas expressaram perceber uma pressão quanto à conciliação de todas elas, lhes despertando exaustão, stress, desânimo e medo de não conseguir realizá-las a contento.

Estas relações de sobrecarga para as docentes relacionadas ao gênero são agravadas no modelo capitalista neoliberal. Há algumas décadas o sistema de educação brasileiro como um todo vem sofrendo

uma série de reformas e contrarreformas para atender aos interesses do neoliberalismo.

“Os docentes das instituições públicas são obrigados a trabalharem cada vez mais para mostrar produtividade e, assim, poderem concorrer aos inúmeros editais, uma vez que os recursos se destinam, prioritariamente, aqueles que mostram maior produção”³. O sistema capitalista baseado na exploração do trabalho, lança mão de estratégias para obtenção máxima dessa força, o que leva o trabalhador ao esgotamento, não só físico, mas também mental. No caso desta pesquisa, todas as entrevistadas que se declararam mães apontaram algum nível de adoecimento, indo desde problemas com o sono à depressão. Com isso, os resultados do presente estudo sugerem uma estreita relação entre adoecimento e trabalho docente.

Dessa forma, “a intensificação da jornada de trabalho e a desarticulação das políticas que legislam sobre o tema perpetuam a construção de um ciclo de adoecimento físico e mental que implica sofrimento e desestruturação psíquica”⁴. Devido ao excesso de trabalho em condições adversas, alguns sintomas de adoecimento mencionados nas falas das entrevistadas foram: depressão, estresse, problemas com o sono, ansiedade, palpitações, medo, alteração do nível glicêmico, desânimo, aumento/diminuição do peso, queda de cabelo e dores no corpo.

Estes distúrbios foram agravados com o Ensino à Distância que adquiriu novas proporções no último ano, tornando-se no cenário pandêmico a opção mais viável para a continuidade das atividades acadêmicas. Porém, as questões emblemáticas que atravessam o



EAD emergiram com grande força, como a precarização e a ampliação da jornada de trabalho.

Considerações Finais

Os dados empíricos iniciais obtidos nesse estudo demonstram que para as professoras que responderam a pesquisa suas condições de trabalho não se apresentam como plenamente satisfatórias. As respostas revelaram que a insalubridade e a falta de infraestrutura adequada são traços da realidade vivida pelas profissionais do ensino superior do Serviço Social.

Mesmo aquelas que desfrutam de uma posição estatutária têm sido afetadas pela dinâmica reformista do capitalismo e seus padrões adoecedores de produtividade e excelência. O sentimento de desapontamento com a carreira é recorrente à medida que estas professoras não alcançam um desempenho materializado em publicações considerado satisfatório. Nesse sentido, o método histórico dialético é uma perspectiva funcional para se pensar as contradições do capitalismo, pois o consumo das energias vitais nos moldes exploratórios adoce a classe trabalhadora e ao invés de uma fonte de prazer o trabalho se traduz num descontentamento.

As transformações impostas pelo trabalho remoto nos anos 2020 e 2021 devido à pandemia da COVID-19, agravaram ainda mais a prevalência de morbimortalidades, devido a fatores como adaptação abrupta e indesejada, precarização do trabalho, aumento da jornada de trabalho e insegurança quanto ao futuro, que se refletiram em estresse elevado e na permanente sensação de cansaço e preocupação.

Para as mulheres, a dimensão de gênero impacta ainda mais a qualidade de vida, dadas as atribuições do trabalho produtivo, doméstico e reprodutivo. Esse somatório de funções implica em uma sobrecarga com reflexos do tempo disponível para o desenvolvimento de atividades de produção científica tão exigidas na carreira.

O papel social atribuído à mulher de forma geral e às participantes desta investigação em particular, faz com que no esforço de dar conta de diversas demandas, elas não disponham de tempo para a família e para as atividades de lazer, o que compromete o seu bem-estar.

Nesse sentido, a pesquisa em curso ampliará a produção do conhecimento acerca das relações de gênero, enquanto categoria-chave para a compreensão do processo saúde-doença das docentes do curso de Serviço Social no nordeste brasileiro. Tais constatações poderão servir como subsídios para que sejam desenvolvidas estratégias de suporte aos recursos humanos, formas de apoio, suporte e cuidado sob o caráter de políticas efetivas que possam atingir esse público.

Referências

1. Portes L, Portes M. O trabalho docente no ensino superior em tempos de ensino remoto emergencial (ERE). *Juiz de Fora: Rev Libertas*. 2021; 21(2):533-553.
2. Gil AC. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. G. Ed. São Paulo: Atlas. 2008.
3. Lima RL. *Docência e Serviço Social: Condições de Trabalho e Saúde*. Brasília (DF): Temporalis. 2016; 16(31).
4. Souza P, Silva L. *A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Coletiva. 2017.